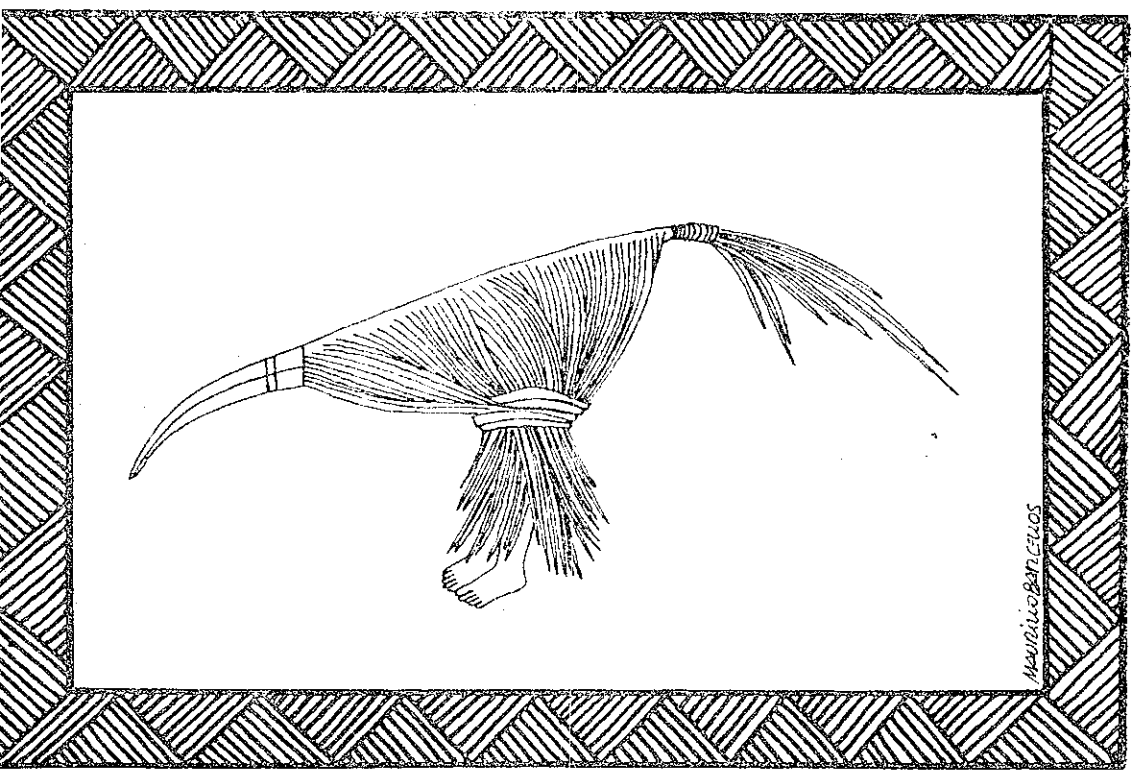


CEDI - P. I. B.
DATA 25, 08 86
COD CMD 15

ASPECTOS DA CULTURA KANAMARI



ARACI MARIA LABIAK
LINO JOÃO DE OLIVEIRA NEVES

ASPECTOS DA
CULTURA KANAMARI

Araci Maria Labiak

Lino João de O. Neves

Ilustrações e mapa: Maurilio Barcelos

Capa: "Padjá" - tamanduá bandeira, animal representado na festa de "Pidá".

Contracapa: mulher Kanamari no trabalho de cestaria (paneiro "torê").

Edição:

OPERAÇÃO ANCHIETA - OPAN

C.P. 615

78000 Cuiabá MT

- 1985 -

Por nosso respeito e amizade, pelo agradecimento à confiança que depositou em nós, ao Povo Kanamari dedicamos este trabalho.

Agradecemos também à companheira Adelina Vilma M. Ribeiro, que com seu conhecimento de 3 anos de convivência e trabalho junto aos Kanamari do rio Jutai, nos auxiliou lendo e comentando o texto, contribuindo assim na elaboração do mesmo.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	5
MAPA	7
MÁGICO - RELIGIOSO	8
PAJELANÇA	9
LIDERANÇAS	10
FESTAS	12
RITUAIS	15
Rituais de Passagem	17
Ritual de Iniciação à Pajelança	20
Rituais de Cura	22
Ritual do Cipó	22
Ritual do Peixe - Boi	25
Ritual da Caiçuma	28
JOGOS E BRINCADEIRAS	30
ARTESANATO	33
Cestaria	33
Cerâmica	34
Teceragem	35
Entalhe	36

APRESENTAÇÃO

Araci e Lino fazem parte da equipe de voluntários da Operação Anchieta - OPAN, que atua junto aos índios Kanamari, no Amazonas, desde 1979. Araci começou a conviver e trabalhar com os Kanamari naquele mesmo ano; Lino chegou em 1981.

Primeiro num trabalho mais fixo, no rio Jutai, e posteriormente em sucessivas viagens ao longo dos rios habitados pelos Kanamari, como vem ocorrendo até hoje, Araci e Lino chegaram a conhecer bem de perto a realidade daquele Povo.

Participando das tarefas cotidianas, das festas e rituais nas aldeias, conversando e escutando inumeráveis relatos, observando e registrando pacientemente tudo o que diz respeito aos Kanamari, reuniram, nestes anos, importante material etnográfico.

Publicamos aqui uma pequena parte deste material, particularmente expressiva, que relata aspectos da cultura dos grupos Kanamari que se localizam na bacia do rio Juruá. Originalmente, este texto fez parte do "Relatório de Identificação da Área Indígena KANAMARI do rio Juruá".

Esperamos que esta leitura ajude a desvendar um pouco da riqueza cultural do Povo Kanamari, frequentemente oculta aos olhos do observador desatento.

Arlindo Leite

Pela Coordenação da OPAN

INTRODUÇÃO

Etnograficamente, vários grupos da grande família Djapá, originários dos rios Jutai, alto e médio Juruá, médio e baixo Tarauacá, e afluentes destes rios (região sudoeste do Amazonas), foram classificados como Canamari, Katukina, Tucano e Tawari. Não raro aparecem também citados grupos locais como Bem Djapá (Gente do Mutum), Wiri Djapá (Gente da Queixada), Wadjo Paranim Djapá (Gente do Macaco Cairara), Kadjikiri Djapá (Gente do Macaco de Cheiro) e outros.

A partir de estudos de Rivet e Tastevin, R. Verneau (1921) assinala que o rio Juruá foi primitivamente habitado por populações da Família Lingüística Katukina, que só mais tarde receberiam o assedio de populações Aruak e Pano.

Estes Povos permaneceram praticamente isolados até a segunda metade do séc. XIX, quando as frentes extrativistas de seringa penetraram no rio Juruá, Jutai e regiões limítrofes.

Os grupos Kanamari, da família lingüística Katukina, encontram-se atualmente localizados em várias regiões: alto e médio Jutai; baixo Javari; alto Itacoai; médio Japurá; baixo Itucumã (afluente do rio Tarauacá); médio Juruá e alto e médio Xerua. Todos estes grupos se auto-denominam Takana, identificando-se como pertencentes a diversos clãs (Djapá), cada um relacionado a um determinado animal que define a sua origem.

Os laços de parentesco que unem os vários grupos Kanamari mantêm-se bem vivos e são constantemente reafirma-

-dos por frequentes visitas, apesar de localizados em áreas distintas e muitas vezes com enormes distâncias entre si. Devido as grandes distâncias que os separam, apenas os Kanamari do rio Japurá e do Vale do Javari, não têm tido contato direto com os Kanamari do Vale do Juruá / Jutai.

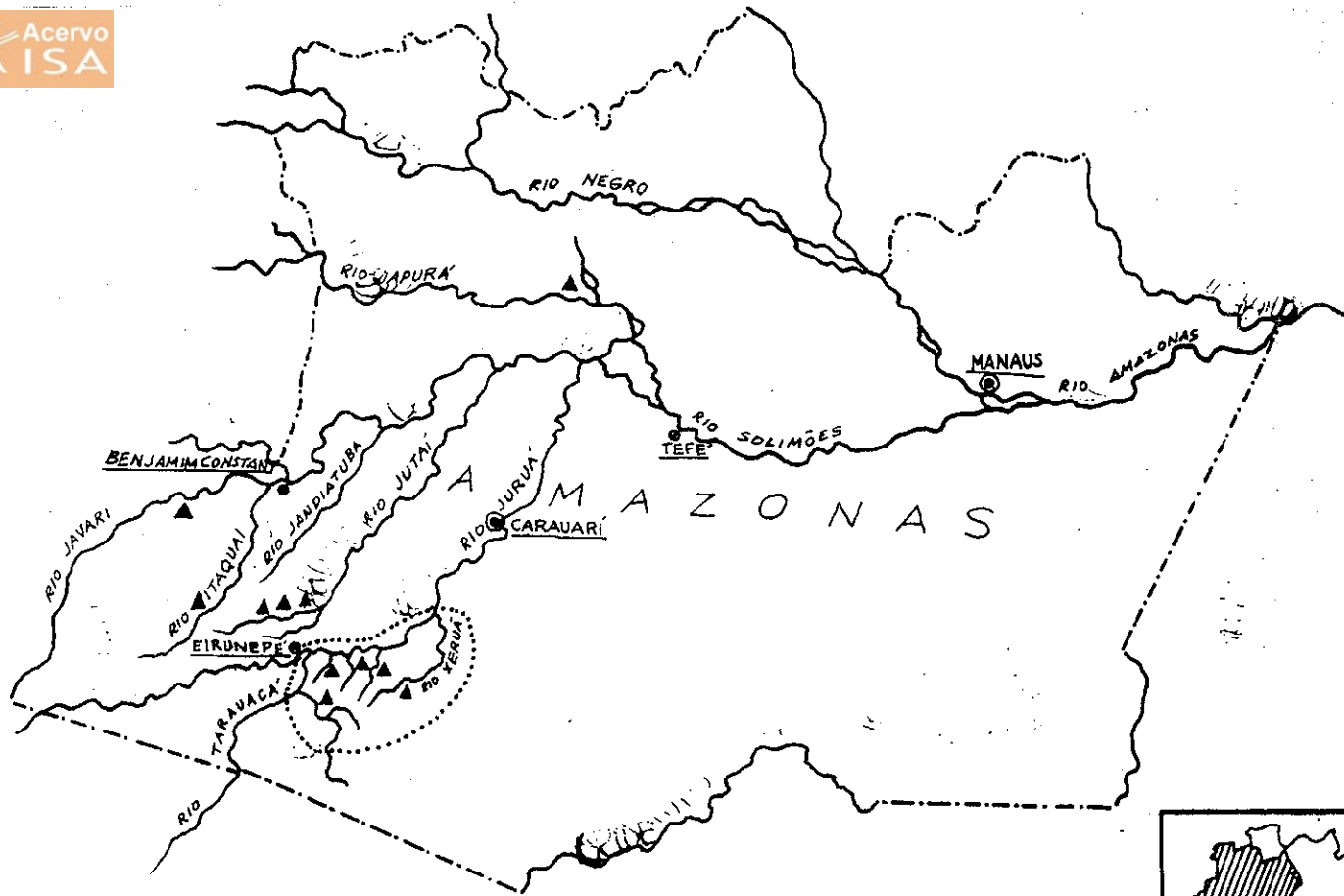
O presente trabalho focaliza aspectos culturais dos grupos Kanamari localizados nos rios Itucumã, Juruá, Xerua, e afluentes destes rios.

Os Kanamari desta região mantêm bem viva e praticamente intacta a sua cultura. Apesar das necessidades criadas, das aquisições e adaptações, decorrentes do tempo de contato com a sociedade nacional, as manifestações próprias deste povo são uma constante.

Desde os rituais de cunho místico - religioso, às brincadeiras e jogos, vários tipos de manifestações compõem o dia-a-dia dos Kanamari, marcando tanto períodos do ano (festas ...), como momentos específicos dos grupos (visitas, casamentos, curas ...) ou ainda como parte integrante de seu cotidiano (artesanato, caçuma ...).

Sobre estas manifestações, é que o presente trabalho discorre, no intuito de documentar, divulgar e dar a conhecer à sociedade nacional, alguns aspectos culturais' deste Povo praticamente desconhecido e inclusive até recentemente considerado como extinto.

Eirunepé - AM . Abril / 1985.



- ▲ Aldeia Kanamari
- ▲ Aldeias descritas no texto
- ⊙ Cidade

Localização das Áreas Kanamari - Amazonas

MÁGICO - RELIGIOSO

Quando os Kanamari relatam sua história e visão sobre a origem e estruturação do mundo, há uma diferenciação bem evidenciada, contrapondo-se à história e visão dada pelos brancos. O sincretismo aparece de forma insignificante. Mesmo quando uma Entidade criadora Kanamari é relacionada à de outras religiões, isto ocorre apenas como forma de favorecer o entendimento na conversação com não índios, não modificando no entanto, a significância daquela Entidade Kanamari, nem passando a fazer parte de sua cosmovisão - os atributos e conceitos relativos à Entidade ou personagens de outras religiões.

Este fato ocorre, entre outros, com "Djo'lo", uma Entidade da cosmovisão Kanamari, que embora relacionada nominalmente a São José, continua tendo sua própria personalidade, não incorporando em nada a figura, nem os conceitos deste Personagem da História Cristã.

Inclusive no grupo do Mamori, onde a prática e a doutrinação dos Missionários de Novas Tribos do Brasil, (MNTB), se faz presente há 12 anos e com atuação contínua, somente algumas poucas pessoas parecem ter absorvido alguma dose desta doutrinação. Manifestam esta absorção em mensagens a outros grupos locais, em cantos, em textos escritos, numa forma de resposta aos missionários. Quando longe da influência da MNTB, tanto no seu cotidiano, como em contato com outros grupos locais, sua prática cultural se torna a comum e característica dos Kanamari.

PAJELANÇA

A pajelança é comum e praticada por todos os grupos locais, existindo sempre um ou mais pajés em cada grupo. A pajelança é exercida não só para a cura dos males manifestos no corpo, mas também para os de cunho psicológico, emotivo e espiritual. São comuns os rituais para afugentar o mal que atinge as pessoas, individual ou coletivamente.

A principal forma de cura exercida pelo pajé, seja de males expostos (infecções, picadas de insetos, e ferimentos outros), seja internos, é a sucção. Na sucção, o pajé retira as "pedras" (materialização do feitiço) que colocadas por outros pajés (geralmente de outros grupos indígenas ou mesmo de outros clãs), estão provocando a doença. Dependendo dos sintomas e evolução do caso, também são auxiliares na cura, folhas, raízes, cipós e mesmo animais como certos tipos de formiga, de sapo, e outros.

A importância e a função do pajé, não se restringe à cura e retirada das "pedras", como poderia parecer num primeiro momento. Sua atuação também se dá colocando "pedras" para proteger o corpo de doenças, evitar a gravidez (como uma das formas de controle de natalidade) e em transmitir seus conhecimentos iniciando novos pajés e com isto dando maior segurança ao grupo.

A iniciação na pajelança independe da idade, relação de parentesco ou clânica com o pajé. Ocorre naturalmente, num processo de continuidade das atribuições no grupo, e na medida em que o grupo se sinta ameaçado em sua integridade física por males em que a pajelança deva atuar. Somente aos homens é delegada a função de exercer a pajelança.

Mais que tudo, a presença do pajé, é de fundamental importância para a organização, estrutura e a própria sobrevivência espiritual do grupo, pois é quem detém não só a história material, mas principalmente a história - memória espiritual, psicológica, emotiva e afetiva dos grupos, clãs e dos Kanamari como Povo. É a presença equilibradora dos momentos de tensões emocionais, atuando e influenciando nas mais diversas formas para que aconteçam as práticas e ritos promovedores do equilíbrio ou reequilíbrio psico-social.

Apesar de sua grande importância e de exercer uma forma de liderança espiritual, ao pajé não é atribuída nenhuma espécie de regalia ou posição de destaque, que o diferencie dos demais membros do grupo.

LIDERANÇAS

Para cada um dos diversos aspectos da organização sócio - política e cultural do Povo Kanamari, existem lideranças próprias e características.

Assim como o pajé exerce a liderança espiritual, para cada uma das diferentes festas existe um líder, o cantador, que detendo o conhecimento profundo, organiza e lidera o grupo na sua realização, ao mesmo tempo que através de cantos apropriados invoca as Entidades características de cada manifestação. Esta liderança é sempre atribuída a um homem.

Apesar de ser peça essencial para a realização da festa do qual é o líder, não cabe unicamente ao cantador decidir ou não por sua realização. As manifestações ocorrem seja em função dos períodos do ano que lhe são próprios seja por consenso do grupo sobre a oportunidade do acontecimento.

Para as relações externas do grupo, há o líder, que normalmente é denominado "tuxáua" e que tem por função manter as relações com a sociedade envolvente, principalmente nas transações comerciais, nas relações de confronto com não índios (regatões, madeireiros, invasores e pretensos donos da área), nas conversações sobre a aceitação ou não de brancos na área ou junto aos grupos Kanamari.

Enfim, o tuxáua é o elemento que representa e transmite aos brancos e aos demais grupos indígenas, o pensamento de seu grupo local.

Normalmente, através das relações de parentesco, o tuxáua congrega em torno de si os demais membros do grupo. Para a sociedade nacional e ribeirinhos próximos, o tuxáua é a autoridade maior, é quem decide e responde pelos atos do grupo. Internamente, porém, devido as relações de igualdade existentes entre os membros dos grupos Kanamari, o tuxáua é apenas o porta-voz do consenso grupal, não exercendo nenhuma forma de imposição, persuasão ou autoritarismo, nem desfrutando de privilégios ou regalias no grupo.

Esta liderança, por vezes, pode também ser exercida por mulheres, que, como tuxáuas, estabelecem as relações do grupo com a sociedade envolvente, inclusive nas transações comerciais, fato este que contradiz o costume dos ribeirinhos não índios, onde somente aos homens cabe o comércio e demais relações com regatões e comerciantes.

FESTAS

O inverno, período das chuvas, que vai normalmente de dezembro a maio, é também o período das frutas silvestres ("warapekom"). Neste tempo ocorrem várias festas diferentes, com motivos, realização e Entidades próprias.

Quando de visitas entre grupos, as festas se prolongam por todo o período de inverno, não raro acontecendo ininterruptamente por até mais de um mês.

Embora o inverno seja a época comum das visitas entre grupos, estas podem ocorrer também noutros momentos, sendo que também aí as festas se realizam da mesma maneira.

Todas estas festas se realizam no terreiro e tanto homens, mulheres e crianças, podem participar ou não. Os participantes dispostos em duas filas, segundo o sexo, uma de frente à outra, dançam em movimento de vai-e-vem, percorrendo todo o espaço do terreiro, mantendo entre si, em geral, uma distância de aproximadamente um metro.

Nas festas ocorre a personificação das Entidades. Os homens deixam sua personalidade, para através da personificação, ser a Entidade própria de cada festa. Usando máscaras entoam cantos, aos quais as mulheres respondem também cantando, pedindo caça, pesca, frutos silvestres e fartura. No dia seguinte a Entidade traz às mulheres a alimentação solicitada. Ainda durante a festa, à noite, não é servida nenhuma alimentação; apenas por solicitação da Entidade, as mulheres servem a caiçuma ("koyá").

As diversas festas:

"Kuhaná", "Pidá", "Apahnhaném", "Adjiabá", "Fidahnhaném", e outras, têm cada uma: cantos, cantador, vestimenta (máscara) e Entidade própria.

Os cantos, "ipá" em Kanamari, são próprios de cada festa e a eles se referem como sendo a "fala" de cada Entidade, assim, o canto na festa de "Adjiabá", por exemplo, é chamado "adjiabá nakone" (a fala de "Adjiabá"). Estes cantos, e em especial os de "Kuhaná", são entoados como que em sussuros, ou falsete, em tons diferentes da fala Kanamari.

As vestimentas, que em Kanamari são chamadas de "koamá", podem ser de uma única peça, que em Português os Kanamari chamam de roupas, ou de duas peças que em Português são chamadas de saias e camisas. Estas máscaras são confeccionadas com palha de buriti (uma palmeira) ou com a entrecasca de uma árvore chamada tauari, dependendo, nos dois casos, da Entidade representada.

"Kuhaná": A vestimenta é formada por duas peças, confeccionadas com palha de buriti. A "camisa" é assentada na cabeça, e o seu comprimento vai até aos quadris. A "saia" é amarrada à cintura e vai até os pés. A vestimenta envolve praticamente todo o corpo, ficando visível apenas o topo da cabeça e os pés. No dia seguinte, quando da oferta às mulheres do produto da caça, pesca ou coleta, "Kuhaná", através de sons emitidos na mata, avisa a proximidade de sua chegada. As mulheres, cantando, depositam no porto ou em local próximo na mata, a caiçuma ("koyá"), a macaxeira ("tawá") ou outras comidas, e se retiram para as casas ou para outro local de onde não possam ver a Entidade. "Kuhaná" come o que as mulheres lhe deixaram e novamente se retira para a mata anunciando a sua partida. Nesse momento, ainda cantando, as mulheres voltam ao local onde deixaram as ofertas à "Kuhaná" e recolhem o que a Entidade lhes deixou, que, através de indicações pelas panelas, potes ou outros objetos ou ainda pela distribuição no solo, segundo as casas da aldeia, orienta as mulheres quanto ao que cabe a cada uma.

"Pidá": veste uma única peça, confeccionada de

entrecasca de tauari, cujas tiras amarradas no topo da cabeça descem até o chão, ocultando totalmente o corpo. Durante a festa, a caiçuma é servida ao "Pidá" por homens e não por mulheres, como ocorre em outras festas. Nesta festa há também cantos e representação de animais, como o macaco barrigudo ("kamodja"), tamanduá bandeira ("padja") e outros. A caça ou pesca, amarrada em uma vara é trazida pelos homens e entregue às mulheres pela Entidade. No terreiro, em semi-círculo, as mulheres cantam enquanto vão recebendo a caça ou pesca.

"Pidahnhaném": Usa máscara, ou vestimenta, idêntica à do "Pidá". Também a caiçuma é servida pelos homens. "Pidahnhaném" traz os alimentos até o terreiro, onde são recebidos pelos homens, que por sua vez os entregam às suas esposas.

"Apahnhaném": Veste-se com uma única peça de entrecasca de tauari, diferenciando-se apenas da vestimenta de "pidá" e "Pidahnhaném", por ser amarrada no pescoço e na cintura, assim como os braços que separadamente do corpo, são revestidos pelas mesmas tiras. Quando da entrega dos produtos da caça ou pesca, "Apahnhaném" vem também com as pernas revestidas separadamente, e convida individualmente as mulheres, que vão ao terreiro receber de suas mãos as ofertas.

"Adjiabá": de palha de buriti, a máscara é uma única peça, que amarrada no topo da cabeça, oculta todo o corpo. A entrega dos alimentos, é feita pelos homens, que, retirando de um bastão que o "Adjiabá" carrega aos ombros, entregam às mulheres indicadas por esta Entidade.

Todas as Entidades são respeitadas por todos os Kanamari. As mulheres em especial, temem "Apahnhaném", que, no dia seguinte às festas, através de gestos e insinuações, as ameaça de agressões físicas com um bastão, de tala de buriti, que traz em uma das mãos. Por outro lado, ao mesmo

tempo que ameaça as mulheres, "Apahnaniém" lhes traz lenha para o fogo, a fim de contribuir para o preparo da caiçuma.

A distribuição da caça, pesca ou coleta pelas Entidades, é feita de acordo com a participação das mulheres na festa. Mesmo que todas as mulheres recebam parte dos alimentos trazidos, as partes mais cobiçadas, cabem àquelas que mais tenham cantado e dançado durante a noite.

Durante a festa, as mulheres se enfeitam com pinturas faciais, onde os traços que contornam as faces e a testa são pintados com o vermelho do urucum e com o negro do jenipapo, do carvão, ou da fuligem da lamparina. O "towâhném", diadema de palhas de tucum trançadas, ou o "keetá", de uma única palha de tucum, enfeitam a cabeça, de onde, na parte posterior, geralmente caem tiras sanfonadas da mesma palha, que se alongam até abaixo da cintura.

Não só durante as noites, mas durante todo o período das festas, é comum o uso de pinturas faciais e de adornos na cabeça, tanto por mulheres, quanto por homens. No caso dos homens as pinturas faciais são compostas apenas por traços nas faces, e na cabeça, embora sendo mais comum o uso do "keetá", o "towâhném" também é usado, geralmente em cima de um "keetá".

RITUAIS

Os rituais, tanto os de cunho místico - religioso quanto os de significado mais imediatamente material, onde pelo menos não aparece tão evidenciada uma relação direta com o transcendente, são aspectos importantes da vida Kanamari e estão sempre presentes.



"Koamá" - máscara de palha de buriti usada na festa de "Adjiabá".

Rituais de Passagem

Desde o nascimento até a morte, os Kanamari celebram rituais que marcam os vários momentos da vida.

Nascimento - Com o nascimento de uma criança, algumas regras devem ser observadas. A restrição alimentar, deve ser observada tanto pelo pai e pela mãe, como por todos os homens que "ajudaram a fazer" a criança. As vasilhas para a alimentação também são separadas, utilizadas somente por estas pessoas. Não é permitido o uso de vasilhames de cuia, feitos de casca seca de cabaça. A abstenção sexual tanto do marido quanto da mulher, também é obrigatória nesta ocasião. A restrição alimentar e a abstenção sexual devem ser observadas por tanto tempo quanto dure o sangramento pós-parto da mulher.

A criança fica reclusa no mosquiteiro (cortinado de pano não transparente, onde dentro são atadas as redes) familiar, só podendo sair dali após a queda do coto umbilical. Durante este tempo, nenhum homem pode ver a criança, a não ser o seu pai.

À mulher ainda é proibido fazer a caiçuma ("koyá") e tomar banho junto de outras pessoas, enquanto houver o sangramento.

Em alguns clãs, a criança recebe o nome da pessoa que lhe deu o primeiro banho.

Passagem à idade adulta - Quando da primeira menstruação ("odjaki"), que marca a passagem da infância à idade adulta, a menina fica reclusa em seu mosquiteiro, enquanto dure o sangramento. Durante este período, somente sua mãe a provê de alimentação; não pode ver, nem ser vista por nenhum homem, a não ser seu pai. Mesmo após a saída do mosquiteiro, ainda durante alguns dias não vê e não se dei-

-xa ver pelos homens. Há também a restrição alimentar. Sua cabeça é raspada e seu corpo tingido de preto.

Somente após a segunda menstruação é que volta ao convívio normal no grupo, participando de atividades e brincadeiras coletivas.

Quando das demais menstruações, a mulher está sujeita também às restrições alimentares, e proibida de certas atividades tais como, fazer caixuma, costurar, utilizar vasilhas de cuia, alimentar-se em vasilhas coletivas e tomar banho junto de outras pessoas.

A passagem do menino, da infância à idade adulta, se caracteriza principalmente pela mudança de hábitos e atividades. Passa a ter mais independência em seus atos, marcada especialmente por sua saída do mosquiteiro familiar, para um mosquiteiro individual, próprio. Neste tempo o menino começa a colocar em prática os ensinamentos de seu pai com relação às atividades do homem adulto; torna-se mais participativo em relação à subsistência e mesmo no aprendizado da história, significados e importância dos mitos e crenças Kanamari.

Casamento - Logo após a passagem à idade adulta, que se dá aproximadamente aos 12 anos, para as meninas, e aos 15 anos para os meninos, os Kanamari estão aptos a se casarem. São comuns os casos de meninas que são entregues a homens adultos, que as criam até se tornarem adultas, quando então serão efetivadas as relações de casamento.

Atualmente os casamentos ocorrem sem maiores cerimoniais, sendo que algumas vezes contam com uma oficialização pelo tuxáua do grupo.

O casamento entre os jovens é bastante comum, e normalmente é precedido de alguns acertos ou combinações entre o pretendente ou um parente próximo e o pai ou parentes'

da noiva. Após o casamento, o casal passa um período sem ter filhos, sendo esta uma fase de definição dos laços. Neste período do casamento, o casal passa a morar na casa dos pais da noiva, e o homem trabalha para a família da mulher, ajudando nos roçados e noutros trabalhos.

Apesar da participação de parentes para a realização do casamento, a continuidade de vida em comum é decidida pelos pares, podendo ocorrer a separação, mesmo que os familiares não concordem.

Entre adultos não é comum existir pessoas solteiras, e quando da dissolução de casamentos, novas uniões são formadas, por vezes mesmo entre antigos casais já separados.

Morte - Quando uma pessoa está muito doente, à morte, parentes e outras pessoas se acercam, conversando, chamando-a, agitando seu corpo, pedindo-lhe, e até gritando para que não morra, não vá ao encontro da morte. Acreditam que se a pessoa que está muito doente, for e provar da comida e bebida do "outro lugar", mesmo que retorne por instantes ou dias, nada mais a salvará, sua morte é inevitável.

Tanto adultos quanto crianças, são enterrados hoje, em covas semelhantes a dos não índios da região, porém enterram a pessoa juntamente com a maioria de seus pertences. É comum também hoje colocarem uma cruz, marcando o lugar onde há um Kanamari enterrado.

Após a morte de uma pessoa, em especial adultos ou crianças maiores, um forte sentimento de tristeza e saudades toma conta principalmente dos parentes próximos. Apesar de a morte ser aceita como um fato natural e normal, e de não trazer modificações maiores no ritmo de vida do grupo, a saudade é algo que precisa ser vencido. No caso de morte de várias pessoas num mesmo período, seja por males conhecidos, seja por desconhecidos, é comum o grupo se

transferir para outro local, próximo ou não, dentro de seu território.

"Mahoaném" - Algum tempo após a morte, os Kanamari realizam o ritual do "Mahoaném", que tem por objetivo vencer a saudade que sentem de uma pessoa que morreu.

É um ritual que se dá à noite, durante a festa ¹ de "warapekom", só participando pessoas adultas. Quando já é noite alta, chega "Pidáhnhaném"; neste momento as mulheres se afastam do centro do terreiro, e paradas, de costas, continuam cantando, agora os cantos de "Mahoaném".

Os cabelos da pessoa que morreu, e que foram cortados por ocasião de sua morte, são entregues pelo pai, mari do ou parente próximo, à "Pidá", para que os enterre no terreiro. Após o cerimonial de enterro dos cabelos "pidá", as mulheres retornam ao centro do terreiro e continua a festa, porém não mais com os cantos de "warapekom", e sim cantos ¹ de "Mahoaném", que vai até o amanhecer.

É um ritual de cunho místico, muito sagrado e respeitado, onde todos os passos durante o ritual têm de ser dados com precisão e acerto, seja nos cantos, na sequência ou mesmo na postura das pessoas, pois qualquer erro, poderá reverter em malefícios ao grupo.

Parece ser este o último ritual de passagem Kanamari.

Ritual de Iniciação à Pajelança

Além da cura e defesa contra os males, e de seu papel de promotor do equilíbrio psico-social, talvez a principal atribuição do pajé seja a transmissão de seus conhecimentos, fundamentais para a estabilidade emotiva e psicológica dos grupos.

A pajelança é exercida apenas por homens, e a sua iniciação pode ocorrer a qualquer tempo da idade adulta, sendo que em geral são simultaneamente iniciados vários homens.

A iniciação à pajelança é constituída de vários estágios, que geralmente são acompanhados e orientados por vários pajés, ou mesmo por todos os pajés do grupo.

Inicialmente há um período, de aproximadamente 6 meses, em que ocorrem as provas e treinos das aptidões, capacidades, enfim das condições de uma pessoa em exercer a pajelança. Neste período a pessoa tem de submeter-se à restrições alimentares, inclusive do sal, e à abstinência sexual.

O uso do rapé "obadem" que é utilizado nas curas, sendo aspirado ou colocado nas narinas com as mãos, é uma das primeiras provas. Nesta etapa o rapé é geralmente soprado com canudo, por um homem, nas narinas do iniciante. O aprendizado prossegue com o treinamento para aguentar e dominar os efeitos do rapé. Em seguida há o aprendizado do manuseio, identificação e distinção das pedras "djohkô", que são a materialização dos males que atingem as pessoas.

Após dominar estas etapas, os aprendizes que ainda desejam continuar na iniciação, e que são considerados pelos pajés como aptos para tal, passam a participar das curas como assistentes e a identificar e localizar através dos sintomas e da sensibilidade tátil, a origem e tipo de mal que determinada pessoa tem. Após vencer todas as etapas, e também na prática ser considerado apto, começa a realizar pequenas curas por conta própria.

Rituais de Cura

Todas as curas são realizadas pelos pajés, sendo comum vários pajés atuarem simultaneamente na cura de um mesmo doente.

Auxiliados pelos efeitos de um rapé muito mais forte que o utilizado em situações normais, os pajés localizam pelo tato, e através de sucção ou de pressão feita com as mãos, retiram as "pedras" que se instalaram no corpo, provocando a doença. Após retiradas do corpo do enfermo, as pedras são incorporadas pelos pajés aos seus próprios corpos, anulando os seus efeitos e, ao mesmo tempo, delas se aposando.

Além de constituírem um ritual em si mesmo, as curas também podem ocorrer quando do ritual do cipó ("tsakoroná" ou "ramí").

Embora não cheguem a constituir propriamente rituais, por vezes os Kanamari realizam outras manifestações de cunho místico - religioso com diversas finalidades, entre elas: eliminar do corpo o azar; mandar embora doenças ou fazer com que estas não cheguem ao grupo; favorecer a plantação; afastar temporal e ventos fortes; e mesmo chamar o vento para auxiliar na queima quando do preparo da terra para o plantio.

Ritual do Cipó

O ritual do cipó, "tsakoroná" ou "ramí", conforme o grupo, tem o objetivo principal de promover o equilíbrio ou reequilíbrio psico - social tanto do grupo quanto individual. As situações de tensão e desequilíbrio afetivo

ou emocional, mesmo quando individuais, são reajustadas de forma coletiva através deste ritual.

Para este ritual, pintam o rosto com urucum, carvão e jenipapo, em traços bem aprimorados. O diadema "towã hném", é tecido com mais cuidado e detalhes que nos dias comuns. Tanto o diadema, quanto as pinturas faciais, são diferenciados para homens e mulheres. No diadema os homens esmeram-se mais, confeccionando verdadeiras coroas de palhas trançadas. Apesar de mais simples, os diademas das mulheres também são confeccionados com muito esmero. A pintura facial nos homens, é formada por traços simples nas faces, enquanto que nas mulheres a pintura é mais apurada e requintada, sendo formada também de contornos na testa.

O dono do cipó, "marinawá", destaca-se entre os homens quanto aos enfeites e adornos.

O "tsakoroná", ou "ramí" como é chamado por alguns grupos Kanamari, consiste no cozimento de uma espécie de cipó e uma folha de nome "tsakoroná", com os quais os Kanamari fazem um chá. Este chá, de efeito alucinógeno, quando ingerido exerce sobre as pessoas uma espécie de poder, que as faz rever entes queridos distantes ou falecidos, prever fenômenos e acontecimentos; também nesta ocasião se realizam rituais de cura pelos pajés do grupo.

O preparo deste chá, é do conhecimento de todos os adultos do grupo, porém tanto o seu preparo, quanto a decisão pela realização ou não do ritual, cabe apenas à sua liderança, o dono do cipó, o "marinawá". Somente na ausência do "marinawá" é que outra pessoa, geralmente já pré-determinada pelo grupo, prepara o cipó e dirige o ritual.

O "marinawá" é o cantador oficial; é quem inicia a maioria dos cantos, preservando com isto a unidade do ritual; orienta na ingestão do chá; exerce durante o ritual,

uma espécie de controle sobre todos da aldeia, participantes e não participantes, garantindo assim que o ritual transcorra sem desvios até sua conclusão.

Outras pessoas, porém, podem também iniciar cantos, onde falam das coisas que estão vendo ou sentindo. Todos os cantos, assim que iniciados, são assumidos por todos os participantes.

O melhor "marinawá" é aquele que mais aguenta os efeitos do cipó, pois começa a ingeri-lo desde o preparo, e terá de ser o último a sair da festa, a qual, geralmente se prolonga até o amanhecer, e por vezes é realizada durante duas ou três noites seguidas. Neste caso, o "marinawá" fica sob efeito do cipó, durante todos os dias enquanto dure a festa.

As pessoas do grupo vão acostumando o organismo ao cipó. Tomam desde criança, aumentando gradativamente a dose, conforme a idade e resistência aos seus efeitos.

Com excessão da mulher grávida até o terceiro mês, todos podem beber o cipó, porém a participação ou não, é totalmente livre, à critério da própria pessoa.

No ritual, a ingestão da primeira dose do cipó, se dá logo ao anoitecer. No terreiro, os participantes, cantam esperando os efeitos do cipó "tsakoroná", repetindo, por vezes, a dose. Quando começam a sentir o efeito, iniciam a dança, e os cantos vão ascendendo em ritmo e mudando o conteúdo.

Embora não haja separação de lugares próprios no terreiro, destinado a homens e mulheres, geralmente dançam em pares ou formando grupos de várias pessoas, porém na maioria das vezes, homens com homens, mulheres com mulheres e crianças também segundo o sexo.

No momento em que o efeito do cipó é muito forte

e há o perigo de alguém não aguentar, o "marinawá" "tira o cipó" da pessoa, ou diminue o seu efeito; para isto tanto são usadas algumas outras folhas que a pessoa deve cheirar, como gestos, cantos e comunicação direta com o cipó, por parte do "marinawá".

Este ritual, não é próprio dos Kanamari, foi aprendido há tempos, dos Kulina, que por sua vez haviam aprendido dos Kaxinawá. Os Kanamari o adotaram e adaptando ao seu contexto sócio - cultural, criaram cantos e danças, tornando-o praticamente particular em muitos aspectos.

O "tsakoróná" está hoje para os Kanamari, no rol das significâncias sagradas, não sendo ingerido por nenhuma pessoa, sem que sejam observados todos os passos necessários neste ritual, onde a "Entidade" "tsakoróná" é incorporada pelos participantes.

Ritual do Peixe - Boi

Segundo os Kanamari, num passado recente, o ritual do peixe - boi, tinha um sentido tanto cerimonial quanto funcionava como uma espécie de jogo ou contenda. O ritual do peixe - boi, "mok dak", cuja tradução literal, é couro de anta, consiste num desafio entre duas pessoas. Utilizando-se de uma espécie de chicote de couro de anta, que dá o nome ao ritual, as partes desafiantes medem forças tendo em jogo o fato que originou o desafio.

Antigamente o peixe-boi era parte integrante dos rituais que precediam o casamento. Quando o rapaz pretendia se casar, o pai ou irmão da moça pretendida, o desafiava para o peixe - boi, caso saísse vencedor, o rapaz teria conquistado o direito ao casamento. Atualmente este ritual não

mais acontece neste contexto.

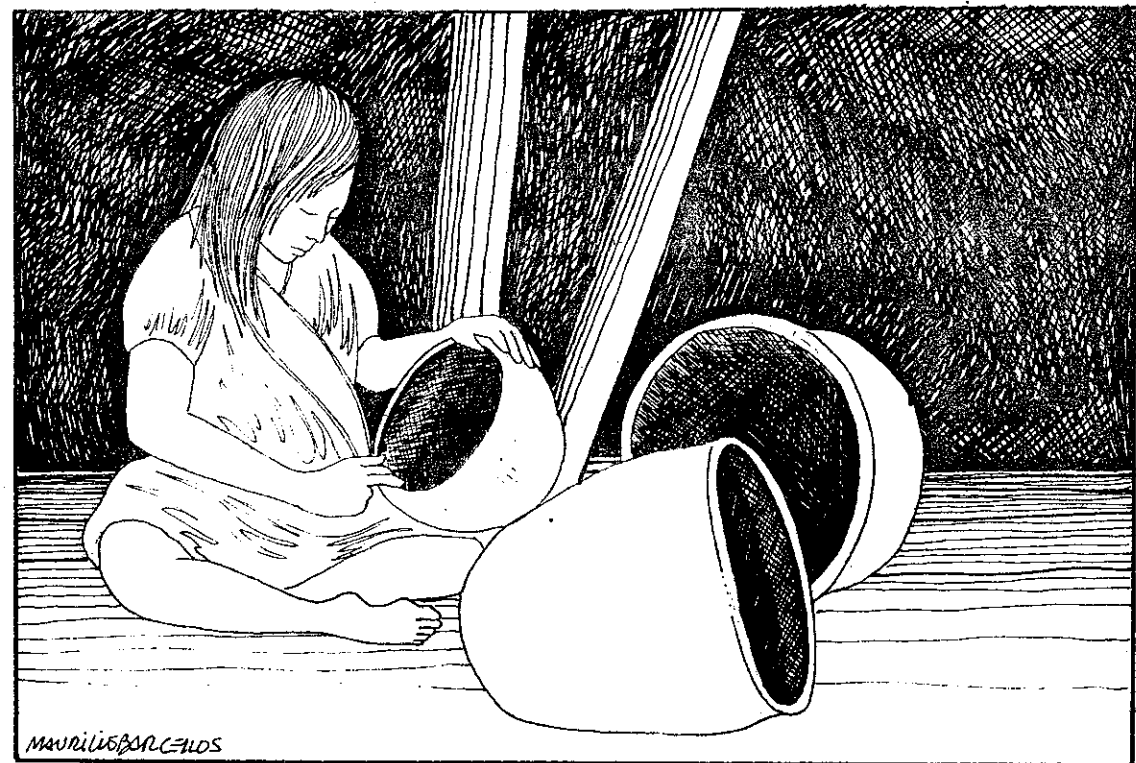
Hoje observa-se que somente em outros dois momentos, continua acontecendo o peixe-boi: no treinamento para tornar o corpo forte e resistente à dor, ou nas disputas pessoais, numa espécie de decisão das questões entre duas pessoas. Em todos os dois casos, acontece o desafio por uma pessoa, e a outra, desafiada, pode aceitar ou não. Quando é aceito o desafio, têm início as conversações no sentido de se formar dois grupos, que se aliam à cada uma das pessoas envolvidas. Depois disto, iniciando o ritual, as pessoas que participarão, têm suas faces pintadas e são colocados adornos em suas cabeças.

O peixe-boi acontece sempre no terreiro, onde com o chicote de couro de anta na mão, o desafiado começa o canto e a dança, à espera do desafiador. Sempre dançando e com os braços para cima, recebe as chicotadas, que lhe são aplicadas pelo desafiante. As chicotadas são aplicadas no tórax e costas nus, com a ponta do chicote atingindo a parte baixa do peito sobre as costelas, sendo este o local onde ocorrem os maiores ferimentos.

O desafiante aplica tantas chicotadas, quantas o desafiado aguente. Neste ponto, alteram-se as posições. Após o desafiante também ter recebido as chicotadas, muda-se o par, com outras duas pessoas assumindo os seus lugares. Assim sucessivamente vão se substituindo os pares, até que um dos grupos desista.

O vencedor do peixe - boi é a pessoa, desafiante ou desafiado, que tinha como aliado, o grupo que não desistiu da disputa.

Apesar de por vezes todas as pessoas da aldeia participarem, o peixe - boi quando realizado com o objetivo de resolver questões tais como ciúmes, traições, fofocas,



Mulher Kanamari confeccionando vasos de cerâmica
("pokakom" e "morô").

mal - entendidos ou divergências entre duas pessoas, servirá apenas para definir a situação entre estas.

Não fosse o seu caráter de resolver questões pessoais, dissipando mágoas, rancores e tensões, de treino à resistência e força física, e ainda por todo o procedimento necessário para a sua realização, poder-se-ia dizer que o ritual do peixe - boi está bem próximo de ser um jogo ou uma "brincadeira", como a ele se referem os Kanamari. No entanto, como ritual, todos os seus momentos precisam ser observados para que o peixe - boi se realize e tenha validade como tal.

Ritual da Caiçuma

Além de ser o componente básico da alimentação do dia-a-dia dos Kanamari, a caiçuma "koyá" é complemento fundamental tanto nas festas como nos rituais, sendo desde o preparo até o seu consumo, um ritual em si.

A "koyá", uma espécie de mingau de macaxeira cozida, fermentada ou não, é preparada de forma diferente entre os Wiri Djapá (Gente da Queixada) e os demais clãs.

As mulheres Wiri Djapá utilizam como ingredientes para o preparo da "koyá", somente a macaxeira e água. A macaxeira descascada e cortada em pequenos pedaços, é cozida e colocada nos potes de barro "morô". Pouco antes de ser servida é acrescida de água e peneirada. Durante todos os passos do preparo, as mulheres costumam entoar cantos. Os pedaços de macaxeira "koyáporá" são utilizados também na alimentação; junto da carne de caça ou peixe.

Além de macaxeira e água, as mulheres dos outros

clãs Kanamari, utilizam a batata doce, que em quantidade bem menor que a macaxeira, tem a finalidade de adoçar e apressar o processo de fermentação. Após toda a macaxeira estar descascada e cortada, enquanto as panelas vão se revezando no fogo; em potes de barro, as mulheres vão socando com uma pá de madeira a macaxeira já cozida. Neste ponto do preparo, vão mastigando a batata doce e misturando à massa de macaxeira. Após a última panela de macaxeira estar cozida e a batata doce mastigada e misturada, vão acrescentando água e peneirando. O trabalho da mulher termina quando toda a massa está peneirada, o que resulta em um ou mais potes cheios de "koyá", a ponto de ser servida.

O preparo da caiçuma é exclusivo das mulheres e lhes é proibido, quando em período menstrual ou pós-parto.

No final da tarde, as mulheres entoando cantos, chamam os homens oferecendo e servindo - lhes a caiçuma.

Isto ocorre também pela manhã, e geralmente são várias as mulheres que servem a "koyá", à qual todos os homens bebem. Não só em tempo de festas, mas também nos dias comuns, não raro após servirem os homens, as mulheres cantam no terreiro pedindo "koyá". Atendendo ao pedido, os homens vão buscar, e ao trazer a "koyá", também cantam oferecendo e servindo as mulheres.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Por brincadeiras e jogos, entende-se as manifestações de descontração, que acontecem espontaneamente, sem exigir organização e preparação prévia, não existindo inclusive, um líder ou pessoa responsável que os promova.

"Hay hay" - Acontece à noite no terreiro, as pessoas se reúnem para cantar e dançar. São cantos alegres, e bem diversificados, alguns já comuns nesta brincadeira, outros criados na hora, com motivos presentes ou falando de fatos acontecidos no dia-a-dia do grupo. Cantos de "hay hay" de outros grupos Kanamari também são cantados. Qualquer pessoa pode iniciar ou criar os cantos, cujos refrões os participantes vão repetindo, numa forma de reafirmar o que a música está dizendo.

A dança é realizada por homens, mulheres e crianças, que dispostos segundo o sexo, formam uma grande roda, onde cantam e dançam, de mãos dadas, ou abraçados.

O "hay hay" se dá com mais frequência, principalmente quando há membros de outros grupos visitando a aldeia, ou ainda intercalando as festas, rituais, jogos e outras brincadeiras na temporada de festas.

"Kerewenô" - Uma brincadeira mais frequente à noite, mas que por vezes se realiza durante o dia.

Uma personagem que, usando máscara de cerâmica ou cuia e vestindo roupas exóticas, vem do mato para o terreiro e por gestos vai respondendo às perguntas que lhe são feitas. Traz oferendas, tais como frutas, utensílios, animais domésticos, com os quais presenteia algumas pessoas.

Todos conversam com o "Kerewenô", porém não tocam, nem se deixam tocar por ele.

É uma figura muito engraçada, tanto por seus tra-
jes e máscara deformada, quanto por seus gestos, convites e
insistência para que as pessoas aceitem namorar com ele e
que o acompanhem em sua volta para o mato.

Numa mesma noite poderão vir vários "Kerewenô", ge-
ralmente um por vez, e cada qual chegado de um lugar e com'
uma história singular, podendo representar tanto homens quan-
to mulheres.

"Tserê" - É uma brincadeira em que um homem ou
uma mulher oferece geralmente frutas ou outro alimento à uma
pessoa do sexo oposto, e quando esta vai pegar, é oferecido'
uma resistência dificultando o recebimento.

Na medida em que não consegue pegar o que lhe foi
ofertado, a pessoa pede a ajuda das outras pessoas do mesmo
sexo, que, igualmente, passam a fazer parte da brincadeira.
O mesmo ocorre com quem ofertou, que passa a receber a aju-
da das outras pessoas do seu sexo.

Nesta brincadeira vale tudo, desde correr, jogar'
a fruta de uns a outros, até esconder dentro da roupa, nos
mais diversos lugares do corpo. Para conseguir pegar a fru-
ta, as pessoas valem-se de todos os meios, tais como fazer cõ-
cegas, puxar cabelos, morder, apalpar quem está com a fruta.
Para dificultar ainda mais, os homens, quando ofertam as fru-
tas, por vezes, rolam - se na lama, deixando o corpo e os ca-
belos bastante escorregadios, acabando por enlamear tam-
bém as mulheres, quando na tentativa de apanhar as frutas.

O "tserê" é um treino à resistência física, pois
as pessoas correm muito, esforçando-se para resgatar a fruta
e para não deixar que os adversários a peguem. Ocorre como
que uma luta corporal, onde, às vezes, 5 ou mais pessoas che-
gam a imobilizar quem está com a fruta e, não raro, provando
agilidade e destreza esta pessoa consegue escapar ou passar
a fruta aos seus aliados.

O "tserê" acontece durante o dia, e se torna praticamente um jogo coletivo, sendo participado por todos, diretamente ou animando através de torcida.

Em tempo de festa, enquanto os homens estão no mato colhendo as frutas, as mulheres, em meio aos afazeres' do dia-a-dia, cantam o tempo todo, esperando e pedindo o "tserê".

A brincadeira, dependendo da quantidade de frutas trazidas, pode durar muitas horas.

"Marâ" - É uma brincadeira entre homens e mulheres, na qual uma determinada pessoa desafia uma pessoa do sexo oposto a lhe tirar das mãos uma haste de cana.

No "marâ", o desafiante segurando a cana pela extremidade dos gomos, instiga à outra esfregando-lhe as palhas no corpo ou no chão à sua frente.

A brincadeira tem início quando o desafiado segura as palhas da cana e puxando-a em sua direção, procura tirá-la para si. Como reação, o desafiante passa a puxar em direção oposta, oferecendo resistência em que a cana lhe seja tirada. Na medida em que uma das pessoas começa a perder terreno, à ela se juntam outras do mesmo sexo, que lhe ajudam puxando a cana em sua direção. É uma espécie de cabo-de-guerra, como é chamada em algumas regiões, a brincadeira onde dois grupos de pessoas um em cada extremidade, puxando uma corda, medem forças.

O "marâ" é um treino à força e resistência, e, assim como o "tserê" é também um jogo coletivo, onde todas as pessoas da aldeia participam, seja diretamente, seja através de torcida para o grupo do seu sexo; também neste jogo todos os meios são utilizados para que se consiga vencer a disputa.

No "marâ", mesmo sendo muito grande a resistên -

cia oferecida e por mais que dure a brincadeira, sempre sai' vencedor o desafiado, que ajudado por seu grupo conquista a haste de cana que originou a disputa.

ARTESANATO

Além do "towâhmém" e do "keetá", adornos de cabeça confeccionados com a palha de tucum, e da flauta de taquara ou bambu, que é tocada durante o dia pelos homens, não sendo porém integrante das festas e rituais, os Kanamari não usam atualmente outro tipo de enfeite ou adorno.

O artesanato, de utilização prática é largamente empregado nas tarefas e afazeres do dia-a-dia.

Cestaria

Com várias espécies de talas, folhas e cipós, são confeccionados principalmente pelas mulheres, diversos tipos de utensílios. Esta prática artesanal é a que mais frequentemente ocupa os Kanamari, principalmente no que se refere aos objetos confeccionados em palha, que por ser de caráter mais perecível, com mais frequência necessitam ser repostos.

Peras "tom" - são tecidas de folhas de açai, patauá, bacaba e de outras palmeiras; a sua alça é feita de en vira. Geralmente são confeccionadas no mato e utilizadas no transporte de alimentos do roçado, caça, pesca, frutos e mesmo de lenha para o fogo. Variam muito em tamanho, pois são normalmente confeccionadas no momento em que tanto as mulheres, quanto os homens necessitam transportar algo para casa.

Paneiros "torê" - são confeccionados tanto pelos

homens, quanto pelas mulheres, em diversos tamanhos e feitos de cipó titica. São utilizados para o transporte ou como depósito de alimentos ou outros objetos, sendo que os de maior tamanho, geralmente destinam-se à venda aos brancos.

Balaios "torêkomponhanêm" - confeccionados com o mesmo material e feitiço que os paneiros, têm como característica um certo estreitamento nas bordas. Feitos também por homens e mulheres, são usados principalmente para guardar objetos.

Abanos "badjô" - trançados em forma de leque com talas bem finas de tucum, ou em forma triangular com palhas desta mesma palmeira, que confeccionados principalmente pelas mulheres, em diversos tamanhos, servem para avivar o fogo.

Peneiras "djam ' am" - trançadas em vários tipos e tamanhos, redondas e quadradas, confeccionadas pelas mulheres, com talas da haste do tarumã. São usadas para coar caçuma de macaxeira, de pupunha e sucos de frutos silvestres.

Vassouras - fabricadas por homens e mulheres. A partir de pedaços de cipó titica, que, amarrados em feixe, recebem um acabamento trançado do mesmo material, formando um orifício onde posteriormente é fixado o cabo da vassoura. Além de fabricadas para uso próprio, destinam-se também à comercialização.

Cobertura das casas - trançados diferentes, com os quais tecem os diversos tipos de palha empregados para cobrir as casas, atualmente construídas no estilo regional.

Cerâmica

É confeccionada com um tipo de barro branco, sendo utilizado para dar a liga, as cinzas da casca do caripé.

Para alisar as superfícies das peças, é usada uma concha. Após o barro estar seco, as peças são queimadas ao fogo. São fabricadas pelas mulheres, em vários tipos e tamanhos.

Potes "morô" - grandes ou médios vasos, utilizados no preparo e como depósito de caiçuma.

Alguidares "pokakom" - vasos do tipo cuia, utilizados para servir caiçuma e outros alimentos.

Pratos "tsawâh" e "tsawâhkom" - pratos grandes e pequenos respectivamente, usados na alimentação.

Tigelas "tekem" - pequenos vasos utilizados para triturar o tabaco torrado.

Buzinas "horê" - pequenos potes de gargalo estreito, utilizados para emitir sons anunciando a chegada de caçadores, pescadores e de visitas. É também usada no ritual da caiçuma, sendo tocada pelos homens quando as mulheres começam o canto de oferecimento.

Tecelagem

Utilizando-se do tucum e algodão, as mulheres fiam e tecem maqueiras (redes), com um trançado de malhas largas.

Ainda com fios de algodão tecem também tipóias, as quais são utilizadas para carregar as crianças.

Os fios tirados de redes velhas, compradas, muitas vezes são reaproveitados tanto para a confecção das maqueiras, quanto das tipóias.

Entalhe

Realizado apenas pelos homens, o trabalho em madeira consiste principalmente na fabricação de canoas e remos, destinados ao transporte em rios e igarapés; e de bainhas para facas e terçados. Ainda em madeira confeccionam 'cochos, que em situações de emergência, são utilizados em substituição às canoas, e vários tipos de brinquedos, como maquetes de aviões, helicópteros, batelões e bonecas, feitos sobretudo por rapazes e meninos. Em sua maioria destinados para o uso próprio, os trabalhos em madeira, somente canoas e brinquedos, são por vezes comercializados, principalmente quando da estada dos Kanamari na cidade de Eirunepé.